

Sobre as viagens de cordialidade, os rituais de poder e o turismo nas relações Brasil-Argentina no início da década de 1940

Valeria Lima Guimarães¹

Resumo

Este trabalho é o resultado de algumas reflexões desenvolvidas a partir de dois rituais cívicos envolvendo viajantes e relações de cordialidade entre o Brasil e a Argentina no início da década de 1940. O estudo utiliza o aporte das Ciências Sociais, para, na análise do detalhe dos rituais, por meio do método da descrição densa, buscar compreender alguns indícios que cercam as relações turísticas e políticas entre esses países vizinhos no período estudado. Foram consultadas fontes provenientes do Arquivo Histórico do Itamaraty, principalmente a correspondência diplomática trocada entre Brasil e Argentina no período, guias turísticos das décadas de 1930 e 1940, revistas brasileiras de turismo publicadas no período em edições bilíngues, disponíveis na hemeroteca da Biblioteca Nacional Argentina e jornais brasileiros e argentinos. Como resultado, foi possível verificar que os minuciosos rituais cívicos e as cerimônias protocolares envolvendo personalidades dos dois países, no período em questão, foram estratégias bem sucedidas de aproximação bilateral que contribuíram significativamente para o incremento do intercâmbio turístico entre as duas nações e para a formulação de novos discursos turísticos.

Palavras-chave: Viagens. Turismo. Rituais. Poder. Brasil. Argentina. Relações Internacionais.

Introdução

No dia 15 de julho de 1940, a visita da professora argentina Juana Ester Guterrez ao Rio de Janeiro foi motivo de realização de mais um dos inúmeros rituais cívicos, de caráter oficial, promovidos durante o regime do Estado Novo brasileiro. Esses rituais habitualmente traziam como destaque a presença de Getúlio Vargas coadjuvada pelos alunos das escolas públicas, que entoavam o canto orfeônico introduzido na rede escolar pelo maestro Heitor Villa Lobos. Dentre as mais célebres cerimônias do período citam-se as comemorações do 1º de maio no Estádio de São Januário, no Rio de Janeiro, e a cerimônia da queima das bandeiras dos então vinte estados da Federação, realizada poucos dias após a instauração do Estado Novo, em novembro de 1937, no bairro da Glória.

¹ Professora da Universidade Federal Fluminense. Doutora em História Comparada, historiadora e turismóloga. E-mail: valeria@turismo.uff.br

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
15 a 18 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

O evento protagonizado pela professora Juana Ester foi realizado na Escola República da Argentina. Embora restrito e realizado num espaço fechado, reuniu elementos comuns às grandes cerimônias cívicas ocorridas em praça pública naquele período, os quais serão tratados detalhadamente ao longo deste artigo.

A visita da professora argentina ao Rio de Janeiro foi descoberta a partir de uma pesquisa realizada no Arquivo Histórico do Itamaraty quando buscava-se documentos referentes às relações turísticas bilaterais entre Brasil e Argentina. O que nos instigou e despertou o interesse desta investigação mais detalhada sobre o caso da Professora Ester foram a amplitude que o assunto teve nos meios diplomáticos e a sua indexação, feita à época, como um tema turístico.

Examinando mais de perto a questão, inclusive nos arquivos argentinos, é possível perceber que os rituais protocolares que cercaram a visita têm algo a nos dizer sobre as estratégias de aproximação mútua entre os países vizinhos, tanto do ponto de vista político como – e principalmente – do ponto de vista cultural, este último uma dimensão ainda pouco estudada das Relações Internacionais (SUPPO e LESSA, 2007). Revelam também importantes indícios que ajudam a compreender as práticas e os discursos turísticos da época, como se verá mais adiante.

Nos jornais das décadas de 1930 e 1940, assim como na documentação diplomática envolvendo Brasil e Argentina, eram comuns as referências a cerimônias ritualizadas, marcando as homenagens do país vizinho às efemérides da nação. Contava-se quase sempre com a presença de altas autoridades, inclusive do Presidente da República e de ritos solenes, tais como: o canto do hino do país homenageado ou das duas nações; discursos pomposos; homenagens à(s) bandeira(s); desfiles cívicos envolvendo a participação de estudantes da rede pública escolar; paradas militares; apresentações de bandas marciais; shows aéreos; rituais de comensalidade (almoços, chás ou jantares suntuosos), entre outras performances. O Dia da Bandeira, o Dia da Independência e a visita de intelectuais, artistas e autoridades do outro país eram ocasiões propícias para a realização desses rituais, comunicando valores e ideologias que se pretendia fixar.

O Estado Novo, dentro do seu projeto de construção da nação moderna, inventou tradições, como o culto a novos heróis (dentre eles Caxias, personagem importante neste trabalho), criou novas cerimônias e aumentou a dramaticidade e o aspecto performático das cerimônias públicas já existentes, recorrendo à força emotiva dos símbolos. Essas cerimônias, encenadas de forma ritualizada, recorrente ou esporádica, cumpriam aquilo que Lukes (1975) chamou de função cognitiva dos rituais.

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
15 a 18 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Para interpretar o valor das cerimônias performáticas envolvendo visitantes do país vizinho (sejam eles convencionalmente considerados turistas ou não) e seu significado para as relações entre turismo e poder, optamos por trabalhar na análise de dois rituais protagonizados pela ilustre visitante argentina, valendo-nos dos métodos e das ferramentas analíticas das Ciências Sociais. Procuramos realizar uma *descrição densa* das cerimônias, permitindo compreender a teia de significados que cercam o ritual e sua importância simbólica, o que irá auxiliar na sua interpretação crítica, no sentido proposto por Geertz (1978). Atentamos, na leitura minuciosa da cobertura do evento feita pelos jornais, aos pormenores que cada um dos periódicos pesquisados acrescentava ao texto oficial, somada às pesquisas realizadas em outras fontes, como a documentação diplomática e as revistas de turismo.

O primeiro ritual escolhido para compreender as ligações políticas e turísticas entre Brasil e Argentina foi um evento singular, diferente de muitos rituais marcados pela repetição periódica (como a tradicional semana de homenagens ao Brasil, por ocasião do 7 de setembro, na Argentina). Foi um evento incomum, protagonizado por uma mulher estrangeira e desconhecida – pelo menos no Brasil – e que teve grande visibilidade na imprensa carioca e portenha. As conexões com o turismo serão feitas na medida em que o ritual for sendo analisado.

A percepção da importância dos rituais para o conhecimento de um determinado fenômeno histórico nem sempre é visível e, em muitos casos, como afirma Peirano (2003), o ritual é desprezado. Para ela, um ritual pode ser considerado:

[...] um fenômeno especial da sociedade, que nos aponta e revela representações e valores de uma sociedade, mas o ritual expande, ilumina e ressalta o que já é comum a um determinado grupo. [...] Rituais são bons para transmitir valores e conhecimentos e também próprios para resolver conflitos e reproduzir as relações sociais (PEIRANO, 2003, p. 10).

Portanto, consideramos que o estudo dos rituais (e do aporte das Ciências Sociais na sua interpretação) podem ser uma interessante chave de leitura para compreender as tramas que cercam as relações políticas e também turísticas entre Brasil e Argentina, identificando a dimensão ritualística do turismo e a dimensão turística do ritual nas suas interfaces com o poder.

1. Uma cerimônia didática em nome da amizade entre brasileiros e argentinos

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
15 a 18 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

O palco foi a Escola República Argentina, localizada no Boulevard 28 de Setembro, no bairro de Vila Isabel. O pretexto foi a entrega, a 15 de julho de 1940, de uma bandeira argentina, por iniciativa da Escola Mitre portenha à Escola Mitre carioca, sendo a professora Juana Ester Guterrez a sua portadora. A cerimônia teve amplo destaque nos principais jornais brasileiros da época², que reproduziram uma espécie de *release* preparado pela propaganda oficial, dando conta da importância da visita da professora Juana para o estreitamento dos laços entre os países vizinhos, um elemento peculiar em relação ao conjunto dos valores propagandeados pelos rituais cívicos do Estado Novo.

Conforme os jornais, a cerimônia de recepção à professora portenha foi presidida por Getúlio Vargas, que também foi o padrinho da celebração, ao lado da primeira dama, Dona Darci Vargas. O evento contou com a presença de importantes autoridades brasileiras e argentinas, civis, religiosas e militares, dentre elas o Cardeal D. Sebastião Leme, Oswaldo Aranha (Ministro das Relações Exteriores), Gustavo Capanema (Ministro da Educação e Saúde), Eurico Gaspar Dutra (Ministro da Guerra), o prefeito Henrique Dodsworth, o Coronel José Pio Borges de Castro (Secretário Geral de Educação e Cultura), o General Pedro Cavalcanti e membros da Embaixada Argentina. Além da comunidade da Escola República Argentina, a solenidade reuniu também diretoras, professoras e alunos da Escola Sarmiento e da Escola Mitre³.

O ritual, repleto de simbolismo, ressaltado pela riqueza de detalhes em que é descrito pelos jornais, antecede o próprio início da cerimônia. O Jornal do Brasil relata

² Segundo Leal (s/d), dentre os mais de 20 jornais que circulavam em 1940, são considerados mais importantes o Jornal do Commercio, o Jornal do Brasil, o Diário de Notícias, O Jornal, o Diário da Noite e o Correio da Manhã. De acordo com funcionários da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, especializados em periódicos, outro importante jornal da época, A Manhã, órgão oficial do Estado Novo, sofreu uma interrupção na sua publicação no período desta pesquisa, voltando a circular em 1941.

³ De acordo com o Guia das Escolas Tombadas da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, a Escola Sarmiento, localizada no bairro do Engenho Novo, na Zona Norte do Rio de Janeiro, foi inaugurada em 1921, com o nome de Escola Delfim Moreira. Em 1929 passou a chamar-se Escola Argentina e foi rebatizada com o nome do ex-presidente e educador argentino em 1934. O nome Escola República Argentina, por sua vez, foi dado a uma nova escola, inaugurada em 1935, mais moderna e com maior estrutura, seguindo o modelo "Platoon" proposto por Anísio Teixeira, "com inúmeras salas de aula, espaço para atividades complementares, esportes cozinha, refeitório e amplo auditório" (2008, p.54). Já a Escola Mitre (ou General Mitre) foi inaugurada em 1918 no Morro do Pinto, no bairro do Santo Cristo. A cerimônia de recepção à Professora Juana Ester, embora tivesse sido organizada a pretexto de entregar o pavilhão argentino à Escola Mitre (o que motivou o erro do jornal *La Nacion* – ver nota 4) foi, portanto, realizada numa escola moderna, construída já na Era Vargas, sob os princípios da Escola Nova e no auge dos esforços de integração pan-americanistas empreendidos pelas nações do continente. A transferência do nome República Argentina para essa escola, maior e dotada de mais infra-estrutura, pode significar, além de uma maior valorização do nome da nação argentina, a divulgação da imagem de um Brasil moderno, reposicionando também a imagem do sistema escolar brasileiro em relação ao país vizinho, tendo em vista as constantes relações com a colônia portenha e com as representações oficiais daquele país que visitavam a escola, como na ocasião da visita da Professora Guterrez.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
15 a 18 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

que no trajeto percorrido pelo Presidente Vargas, ao adentrar a Escola República Argentina e seguir para o moderno auditório, onde seria realizada a celebração, foram formadas alas de crianças que jogavam pétalas de flores sobre o chefe da nação. O jornal detalhou, inclusive, a posição em que o Presidente, sua esposa, o Cardeal e a homenageada sentaram-se à mesa, seguindo a praxe do cerimonial: “Vargas tomou lugar à mesa entre a senhora Darci Vargas e o Cardeal D. Sebastião Leme. A professora Joana Guterrez ficou à esquerda da Primeira Dama”.⁴

A abertura oficial do evento foi realizada com a execução dos Hinos Nacionais brasileiro e argentino, cantados pelos alunos das três escolas participantes. Em seguida, Alba Canisares Nascimento, chefe do 7º Distrito Educacional, discursou elogiando a obra de aproximação continental empreendida pelos presidentes Vargas e Ortiz, destacando a atuação da professora Juana no magistério argentino e ressaltando os vínculos afetivos entre as crianças do Brasil, as crianças da Argentina e as crianças da América. Nas palavras da educadora, publicadas no Jornal do Brasil, “hoje mais do que nunca, [essas crianças] faziam um juramento de perfeita comunhão, de íntima fraternidade, porque só a amizade constrói e dignifica.”

Após longos aplausos, foi executado o Hino à Bandeira Argentina pelo Orfeão Escolar, e, na sequência, a Professora Juana Ester procedeu à entrega dos presentes protocolares, chamados pelo jornal *La Nación* de *oferendas*⁵, ressaltando ainda mais o aspecto ritualístico do evento.

O primeiro a receber a maior honraria, respeitando-se a hierarquia política e social, foi o Presidente Vargas, presenteado com uma bandeira argentina, dada pelo Instituto Argentino de Cultura do Magistério. Em seguida, foi a vez do prefeito Henrique Dodsworth receber, do mesmo instituto, uma placa comemorativa, dedicada às alunas do Instituto de Educação, contendo a inscrição: “Uma mesma raça, em um mesmo ideal, um mesmo serviço espiritual. Tudo nos une”; à escola Argentina foi destinado um retrato autografado do Presidente Ortiz, e à Escola Mitre foi dado um retrato do próprio, oferecido pelo jornal *La Nación* e enviado pelo Departamento de Instrução Pública argentino.

A professora fez ainda a entrega de um pergaminho artístico assinado pelo Dr. Pedro Ledesma, presidente do Conselho Nacional de Educação argentino, dedicado ao

⁴ EXPRESSIVAS HOMENAGENS À ARGENTINA E À REPRESENTANTE DO CONSELHO DE EDUCAÇÃO DO PAÍS AMIGO. In: Jornal do Brasil, 15 e 16 de março de 1940, p. 3 (os jornais não circulavam às segundas-feiras. Por essa razão, a edição de terça-feira indicava as duas datas).

⁵ EN LA ESCUELA MITRE DE RIO DE JANEIRO SE EFECTUO UNA LUCIDA CEREMONIA DE CONFRATERNIDAD ARGENTINO-BRASILEÑA. In: *La Nacion*, sábado, 20 de julho de 1940, p. 7. Nota-se o equívoco do jornal quanto ao local de realização da cerimônia que, seguindo um raciocínio lógico, não se deu conta de que a entrega da bandeira argentina à Escola Mitre do Rio de Janeiro foi realizada, na verdade, na Escola Argentina.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
15 a 18 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

seu colega Gustavo Capanema, à frente da pasta da Educação e Saúde brasileira. Ao Secretário Geral de Educação e Cultura, Coronel Pio Borges, Juana Ester entregou uma foto do General Mitre e, por último, foi feita a entrega de livros e materiais didáticos aos professores e alunos dos ensinos primário e secundário. A cada um dos agraciados, de acordo com o Jornal do Brasil, a professora dizia “palavras de conforto e de homenagem” e concluiu esta parte do ritual fazendo uma homenagem, “em nome da mulher argentina”, à D. Darcy Vargas.

Após a entrega das oferendas, a professora solicitou ao Cardeal D. Sebastião Leme a bênção à bandeira argentina que seria doada pela Escola Gal. Mitre, de Buenos Aires, à sua homônima carioca. As altas autoridades presentes foram convidadas para segurar a bandeira enquanto o Cardeal a benzia, permanecendo todos em silêncio. A seguir, Juana Ester entrelaçou as bandeiras dos dois países, que foram hasteadas juntas, dando vivas ao Brasil.

“Terminado o ritual [...], ouviram-se vivas e palmas, pétalas de flores arremessadas por um grupo de alunas nas bandeiras dos dois países, unidas no mesmo mastro”, assim se referiu o Jornal do Commercio aos acontecimentos que se sucederam durante a cerimônia, reconhecendo o seu aspecto ritualístico e a sua excepcionalidade, manifestados naquele conjunto de símbolos e gestos carregados de enunciados que se pretendia comunicar.⁶

O Jornal do Commercio publicou na íntegra, o longo discurso proferido pelo General Pedro Cavalcanti, a quem foi dada a palavra após o hasteamento das bandeiras. As palavras de encerramento de seu discurso, que foi longamente aplaudido, segundo o jornal, são representativas da ideologia que cerceou todo o ritual, combinando ao discurso político de integração bilateral, o respeito e obediência à ordem pública e à ordem cristã:

Hosana às bandeiras que se entrelaçam – a do Sol e a do Cruzeiro, a azul e branca e o auri-verde pendão, imagem de um povo fiel à magnitude do seu ideal de ordem, de concórdia, de união e de fraternidade, bandeira em cujo céu resplandece a apoteose luminosa da cruz, signo a cujo influxo se opera a continuidade do nosso amor ao bem, à liberdade e à paz. Ave bandeiras unidas!

Foi a vez, então, de três alunos representando as escolas República Argentina, Mitre e Sarmiento lerem e entregarem mensagens à Professora Juana Gutierrez e a seus colegas portenhos.

⁶ ARGENTINA-BRASIL: A VISITA DA PROFESSORA JUANA GUTERREZ À ARGENTINA, COM A PRESENÇA DO SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA – AS HOMENAGENS PRESTADAS. In: Jornal do Commercio, segunda, 15 e terça, 16/7/1940, p.3.

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
15 a 18 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Por fim, o coro orfeônico executou mais uma vez o Hino Nacional dos dois países e, no gabinete da diretora, foi servida uma taça de champanhe às autoridades presentes, com a Prof. Guterrez fazendo um brinde a Vargas e dando novamente vivas ao Brasil, e os participantes brindando também à “ilustre hóspede do Brasil”, como destacou o Correio da Manhã.

Um último detalhe narrado pelo Jornal do Brasil foi a iniciativa da Professora argentina de entregar, após o encerramento do ritual, as flores que lhe foram oferecidas pelas crianças para a Primeira Dama brasileira.

O Jornal La Nacion concluiu a sua matéria, publicada em 20 de julho, destacando que a cerimônia foi amplamente coberta e detalhada pela imprensa carioca, representando “mais uma manifestação dos vínculos amistosos que unem a Argentina e o Brasil”.

2. O excepcional, o político e o turístico na visita da professora argentina ao Rio de Janeiro

À primeira vista as relações entre o ritual da Escola Argentina com o turismo poderiam ser traçadas a partir da presença da visitante estrangeira no Rio de Janeiro, vista como uma turista por usufruir dos serviços de hospedagem, alimentação, transporte, ter realizado passeios e visitas, como todo e qualquer turista de seu tempo.

Entretanto, Juana Guterrez não era uma visitante comum. Filhas de pais brasileiros, a professora argentina, conforme o relato dos jornais, estava no Brasil em missão oficial, representando a nação portenha⁷. Os jornais cariocas a trataram como uma hóspede ilustre e dedicaram ampla cobertura à cerimônia. O Jornal do Brasil, por sua vez, desde o dia 2 de julho destacava a presença da professora portenha na cidade, ressaltando a importância da sua visita para o estreitamento das relações cordiais entre os dois países.

Na correspondência diplomática entre Brasil e Argentina, disponível no Arquivo Histórico do Itamaraty, são encontrados ofícios enviados pela Embaixada do Brasil na Argentina ao Ministro Oswaldo Aranha, remetendo em anexo o projeto da viagem (que a diplomacia tratou inicialmente como “viagem de estudos da Prof. Juana Ester”), bem como as solicitações de patrocínio feitas pela professora argentina.

⁷ O fato da viagem de Juana Ester ter sido realizada em caráter oficial a exclui da condição de turista, conforme as definições de turismo do período. Essa convenção é mantida até os dias de hoje, mas isto não configura um entrave para esta pesquisa, pois são buscadas outras conexões entre a sua viagem e a história do turismo, como se verá ao longo do texto.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
15 a 18 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Eram comuns à época o envio ao Itamaraty de projetos de viagens de intercâmbio ao Brasil, de autoria de intelectuais, acadêmicos e estudantes argentinos. Tais projetos eram acompanhados de pedido de financiamento ao governo brasileiro, sob a retórica da promoção do conhecimento mútuo e da amizade entre esses povos irmãos. Habilmente eram rejeitados pelo Ministério das Relações Exteriores em nome da contenção de despesas.

Além dos pedidos de patrocínio recusados naquele período, o Itamaraty recebeu também várias reclamações de uma escritora argentina, de nome Bianca Martinelli. Autora de um guia turístico sobre o Brasil escrito em castelhano, Bianca reivindicava a verba de custeio da publicação, prometida pelo governo brasileiro, mas não recebida. A autora queixava-se do calote e dos constrangimentos sofridos com o episódio. A sua conterrânea, Juana Gutierrez, teve melhor sorte e recebeu um tratamento bastante diferente por parte do Ministério das Relações Exteriores.

Parecia haver algo de sagrado na viagem da professora Gutierrez: esta foi investida de um grande poder, representado pelas mais importantes instituições de educação e de cultura argentinas e pelo governo do país. Essas instituições lhe deram respaldo político e se fizeram representar por meio das oferendas que enviaram durante o pomposo ritual.

O governo brasileiro empenhou-se em atender as solicitações da professora e transformou o seu projeto num grande acontecimento para as relações políticas e culturais entre Brasil e Argentina, com a forte colaboração da própria educadora e das instituições que lhe apoiavam. O que antes era tratado pela diplomacia brasileira como uma viagem de estudos da Professora Ester, como parte de um projeto individual de conhecer o sistema educacional brasileiro, logo passaria a receber o status de missão oficial, custeada pelo país anfitrião, amplamente ritualizada e divulgada pela imprensa dos dois países.

As autoridades brasileiras presentes, cuidadosamente escolhidas, representavam as instituições capitais na sustentação e coesão do poder central: a Igreja Católica, as Forças Armadas, a municipalidade, a escola e os ministros de Estado. A Igreja com a presença do Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Sebastião Leme, que teve um papel importante no ritual, dando a sua bênção à bandeira argentina⁸; as Forças Armadas, particularmente o Exército, com as presenças do Coronel Pio Borges e

⁸A edição do bimestre agosto-setembro de 1938 da revista *Brasil, paiz de turismo* dedicou uma página inteira à cobertura da maior festa nacional argentina, publicando na íntegra a longa Oração à Bandeira Argentina, de Juan G. Bentran. Para uma compreensão mais aprofundada do simbolismo do culto à bandeira nacional ver FIRTH, Raymond. Symbols and flags. In: *Symbols public and private*. London: George Allen & Unwin, 1973, p. 328-367.

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
15 a 18 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

do General Pedro Cavalcanti, ambos ligados diretamente à educação⁹; o poder local, com a presença do próprio prefeito Henrique Dodsworth; e a escola, representada pela coordenadora regional das escolas, sem falar na presença dos ministros de Estado (das Relações Exteriores, da Educação e da Guerra), além dos membros da Embaixada Argentina no Brasil.

Um artigo de opinião, publicado na edição do dia 5 de julho do Jornal do Brasil à página 5, é particularmente interessante para se conhecer a importância política e as expectativas em torno da visita da professora, revelando também os interesses subjacentes à cerimônia que seria realizada dias depois:

O significado da visita dessa educadora portenha aqui enviada para estudar a organização do ensino primário e normal de todo o Brasil, assume especial relevo e apresenta-se bem digna de menção destacada.

Não é de hoje que se propugna a magna importância do intercâmbio cultural e escolar, através de visitas constantes de intelectuais de diferentes países, que, em contatos diretos, certamente muito concorrerão para estreitar as relações de amizade entre esses países.

Na hora presente, principalmente, nunca será demais pregar a sadia aproximação das Américas, ligadas, todas, por um comum sentimento de solidariedade.

As missões culturais assumem, assim, um aspecto de grande e incontestável atualidade.

No artigo, é ressaltada a importância das estratégias de integração continental num contexto de uma nova guerra de proporções mundiais, que ganhava contornos cada vez mais dramáticos, com a entrada da Itália no conflito. Os intercâmbios culturais de estudantes, intelectuais, artistas e desportistas entre os países americanos representariam esforços relevantes exercidos pela diplomacia da sociedade civil para a manutenção da paz e da integração continental.¹⁰

⁹ Sendo Pio Borges Secretário Geral de Educação e Pedro Cavalcanti, o responsável pela instalação da Inspeção Geral do Ensino do Exército, em 1939, quando implantou o ensino de história e geografia do Brasil nos colégios militares. Cf. verbete PEDRO CAVALCANTI no Dicionário Histórico-Biográfico Pós-1930 do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas., disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/acervo/dhbb>.

¹⁰ Essa questão foi bem detalhada no trabalho de SANTOS, Raquel Paz. *Um olhar sobre o país vizinho: representações do Brasil e da Argentina no contexto das relações diplomáticas (1930-1954)*. Tese de Doutorado em História apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Niterói: UFF, 2008 (mimeo).

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
15 a 18 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

No lado argentino, as comemorações e rituais de homenagens aos brasileiros também eram comuns e atraíam cada vez mais a atenção da imprensa com o clima de instabilidade vivido no continente. O Jornal do Brasil, em sua edição de 3 de julho, noticiou que o Instituto Cultural Argentino-Brasileiro ofereceu, no dia anterior, um almoço para 200 pessoas em homenagem ao Embaixador do Brasil no país, Rodrigues Alves, com a presença de um representante do Presidente Ortiz (que encontrava-se enfermo e poucos dias depois licenciou-se do cargo) e de “altas personalidades”. Dentre elas, estava o chefe da delegação argentina na Conferência Pan-Americana, que seria realizada dentro de poucos dias em Havana, motivada pela questão da segurança do continente. Um dos compromissos mais importantes firmados na Conferência de Havana foi a solidariedade mútua entre as nações americanas em caso de agressão estrangeira.

O medo da possibilidade de um alastramento do conflito mundial para o continente americano colocou em segundo plano, inclusive, as rivalidades tradicionais entre os dois países mais importantes da América do Sul, que disputavam entre si a hegemonia no subcontinente. Argumentos que apelavam para a união dos povos de uma suposta “raça única”, formada por “laços de sangue” que ligavam os povos vizinhos ganhavam mais vigor nesse período. O conjunto da documentação encontrada no Itamaraty revela que o turismo, a ser praticado dentro do continente, foi fortemente incentivado pelas conferências pan-americanas e pelos governos e organizações turísticas representativas dos países americanos como uma forma de manutenção da paz e da amizade entre os povos das Américas.

3. Um novo ritual turístico?

Na cobertura jornalística da cerimônia realizada na Escola República Argentina, feita pelo jornal portenho *La Nación*, um elemento estranho ao contexto chamou a atenção: uma fotografia da visita da professora Juana Ester ao monumento a Caxias, acompanhada de legenda, mas sem nenhuma referência no texto da matéria.

O Jornal do Commercio foi o único a noticiar os desdobramentos da cerimônia ocorrida em Vila Isabel que esclarecem o sentido da fotografia da visita de Juana Ester ao monumento do Largo do Machado. Segundo o jornal brasileiro, a visita da professora foi realizada no mesmo dia do evento na escola pública, porém, na parte da tarde, a pretexto do “agradecimento às homenagens que recebeu do Exército na cerimônia realizada na Escola Argentina”.

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
15 a 18 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Juana protagonizou, então, uma nova cerimônia cívica, de menor vulto, desta vez ignorada pelos jornais ou mencionada de forma breve, sem a riqueza de detalhes que cercaram as notícias do cerimonial e protocolo das atividades da parte da manhã, que contaram com a presença do chefe da nação. O Jornal do Commercio foi sucinto ao informar, no final da matéria publicada à página 3, que a professora depositou flores no monumento a Caxias e discursou a respeito da acolhida e das atenções que lhe foram dispensadas pelas “suas colegas, autoridades e pela sociedade”.

Embora pouco prestigiada pela imprensa, que se ateu ao evento principal, a visita de Juana Ester ao monumento situado no Largo do Machado, em retribuição às homenagens recebidas, adquire uma dimensão relevante para a compreensão do papel dos rituais na fixação de ideologias e símbolos relacionados ao poder e, mais ainda, na construção da imagem da nação no outro país, em se tratando de uma visitante estrangeira. Duas idéias defendidas por Castro, em trabalhos diferentes (2001; 1999), ajudam a sustentar essa argumentação: 1) a construção da figura de Duque de Caxias como patrono do Exército estava no auge da sua consolidação; 2) os atrativos turísticos são dotados de historicidade e mudam conforme as transformações e valores da sociedade, sendo as narrativas e imagens repetidas nos guias impressos um importante meio de conformação desses atrativos.

Conforme o autor, o culto a Caxias foi oficializado em 1923, mas a sua cristalização dependeu do que denominou de “conjunto de investimentos simbólicos da elite militar”, cujo ápice foi o Estado Novo (2002, p.13). A ideologia do regime é personificada na nova figura-símbolo do Exército Brasileiro e herói nacional, que passa a ser apropriada a partir do prisma da autoridade e dos atributos de um chefe militar a serviço de um Estado forte.

Não é por acaso, portanto, que no mesmo ano em que a professora argentina foi levada por militares para uma cerimônia cívica no monumento ao novo patrono do Exército, em sinal de “retribuição” às homenagens prestadas por ela aos militares, estavam sendo realizados pela corporação diversos “investimentos simbólicos” em torno da imagem de Caxias, dentre eles o lançamento do livro de José Pessoa, intitulado *Chefes da Cavalaria*, no qual o General Osório é “rebaixado” ao posto de Patrono da Cavalaria, e o discurso do cadete Otávio Costa no ritual comemorativo da Batalha do Tuiuti, na Escola Militar, onde o jovem reafirmou o lugar de Osório como Patrono da Cavalaria.

Pode-se posicionar, então, a cerimônia de colocação de flores no monumento a Caxias, esse evento incomum, diferente do cotidiano, protagonizada pela visitante estrangeira, como mais um desses investimentos simbólicos que visavam à

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
15 a 18 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

consolidação da imagem de Caxias como herói e traço de união entre os militares das duas forças armadas (o Exército e a Marinha) e a nação.

Nesse sentido, o ritual produzia valores sociais (PEIRANO, 2003), comunicando tanto à sociedade (principalmente aos próprios militares do Exército) quanto ao exterior, por meio da visitante estrangeira, uma determinada crença que se pretende oficializar, sustentada pela imagem de um país estável, em ordem, com instituições fortes, construído com o esforço de seus heróis militares, notadamente do Duque de Caxias.

A presença da professora argentina no monumento ao herói do Exército poderia ainda simbolizar a oportunidade de delimitação de um novo atrativo turístico, de tipo “histórico-cultural”, fortemente relacionado à cultura política de sua época. Se na etimologia da palavra, monumento (que vem do latim *monere*) significa “fazer lembrar”, as esperadas “correntes turísticas” para a América do Sul e para o Brasil, particularmente para o Rio de Janeiro, poderiam conhecer, em visita ao monumento, a história de uma nação forte e bem sucedida, construída pelas mãos de um dos seus maiores heróis: o Duque de Caxias.

Entretanto, a matéria do Jornal *La Nación* não deu relevância à cerimônia vespertina, embora tivesse publicado uma fotografia sobre o acontecimento. A imagem era a terceira de um conjunto de quatro fotografias de mesmo tamanho, publicadas juntas e dispostas na forma de um quadrado, posicionadas entre a manchete e o texto da matéria, como indicado na Figura 1:

Figura 1: Imagens dos rituais protagonizados por Juana Ester no Rio de Janeiro



Recorte do jornal *La Nación* enviado pela Embaixada Brasileira na Argentina ao Itamaraty (julho de 1940). Fonte: Arquivo Histórico do Itamaraty. Correspondência diplomática.

As duas primeiras e a quarta imagem são flagrantes da cerimônia ocorrida na Escola República Argentina. A terceira, mal posicionada e descontextualizada, retratava a cerimônia no Largo do Machado, sem que fosse feita menção ao local. As legendas das fotografias sugerem uma narrativa da sucessão de eventos ritualizados na Escola, dando a impressão de que a visita ao Monumento a Caxias é parte integrante da cerimônia matutina e foi realizada no mesmo local, não fosse um detalhe: a professora aparece com roupas diferentes na cerimônia militar.¹¹

¹¹ A princípio, trabalhamos com a hipótese de que a matéria do jornal *La Nación* tivesse continuidade e que fora reapropriada pelos funcionários da Embaixada Brasileira na Argentina, responsáveis pela produção e envio do "clipping" das matérias portenhas sobre o Brasil ao Itamaraty. Como procedimento metodológico, procuramos entender a lógica interna dos documentos da correspondência diplomática do Itamaraty, o trabalho dos membros da Embaixada, que frequentemente recortavam, retiravam do contexto, sublinhavam trechos das matérias com lápis de cor azul ou vermelho. Para esclarecer a dúvida se a matéria realmente não mencionava no texto a visita ao monumento a Caxias ou se fora recortada e enviada ao Brasil incompleta, recorremos à edição original do jornal *La Nación*, disponível na Hemeroteca da *Biblioteca Nacional de la Republica Argentina*, onde pudemos constatar que de fato o jornal publicou a foto mas não esclareceu os detalhes da cerimônia a que se referia, ao contrário do fizera com a ocorrida na Escola Argentina.

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
15 a 18 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

A primeira fotografia ilustra o momento em que o Presidente Vargas, a professora Ester e as autoridades presentes entoavam o Hino Nacional; a segunda, refere-se à entrega pela professora dos presentes protocolares (as imagens de Mitre e de Roca); a terceira, assim é descrita: “*Un momento del homenaje tributado al ilustre militar brasileiro Marquês de Caxias*”; e a quarta, dá sequência à entrega dos presentes protocolares, sendo desta vez o pergaminho produzido por Pedro Ledesma.

A matéria, portanto, demonstra que a apropriação do ritual cívico militar tributado a Caxias e protagonizado pela professora argentina, não surtiu o efeito esperado na imprensa argentina, que, equivocadamente, ainda se referiu a ele como Marquês¹². A imprensa brasileira também não deu visibilidade ao fato, como já comentado anteriormente, o que pode indicar que o processo de construção do culto a Caxias ainda não estava sedimentado na sociedade, apesar dos esforços de popularização da sua imagem, representados pela conferência proferida em 1935 por Gustavo Barroso, como destacou Castro (2002).

A falta de visibilidade social do culto a Duque de Caxias é também percebida pela ausência de referências ao personagem e ao seu monumento nos guias turísticos da época, ao passo em que a figura do General Osório continuava a ser referenciada e o monumento em sua homenagem recomendado como importante atrativo turístico brasileiro no período.

A segunda edição do guia *The New World Guides to the Latin American Republics*, de 1943, patrocinado e distribuído pelo *Office of the U.S. Coordinator of Inter-american Affairs* (agência oficial de veiculação da propaganda norte-americana durante a Política da Boa Vizinhança na América Latina), por exemplo, traz duas citações ao monumento a Osório e não faz nenhuma menção ao monumento a Caxias. O guia foi preparado por uma equipe de pesquisadores especializados em História e em Geografia da América Latina. Esse projeto editorial tinha o respaldo de Leo S. Rowe, Diretor Geral da União Pan-americana e Francisco Hernandez, chefe da Divisão de Turismo dessa instituição, que integravam o conselho consultivo da obra.

A primeira referência a Osório está inserida num longo histórico sobre a arte e a arquitetura brasileiras, que se estende do barroco colonial à pintura modernista. O guia, na verdade, destaca a importância estética e cultural da obra de Rodolfo Bernardelli, a quem a publicação dedica um longo parágrafo, afirmando que a segunda metade do século XIX pertencera a ele. O monumento em bronze em homenagem a Osório, de 1894, situado na Praça XV de Novembro, no Centro do Rio de Janeiro, é citado como uma das mais importantes obras de Bernardelli, ao lado da estátua sedestre (sentada) de José de Alencar (na Praça que leva o nome do homenageado, no

¹² O título de Duque foi conferido a Caxias em 1869, sendo o único brasileiro a receber tal honraria.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
15 a 18 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

entroncamento dos bairros do Catete e do Flamengo), de 1897, e do Monumento a Pedro Álvares Cabral, na Glória, inaugurado em 1900, que é formado também pelas imagens de Pero Vaz de Caminha e do Frei Henrique Soares.

O monumento ao Duque de Caxias, concluído em 1899, também de autoria de Rodolfo Bernardelli, não atraiu a atenção dos produtores do guia norte-americano, desconsiderando tanto a sua importância artística quanto histórica. Não foi levado em conta nem o contexto de sua produção, ao lado de outras importantes obras do autor, citadas no guia, nem a importância simbólica de Caxias no momento da produção e publicação da obra, na década de 1940. Isso reforça a hipótese de que os esforços do Exército e do Estado em popularizar o culto a Caxias ainda não tinham surtido o efeito esperado.

A segunda menção do guia ao General Osório é feita na descrição pormenorizada das atrações do Museu Histórico Nacional, onde são apresentados, seção por seção, os principais objetos abertos à visita pública. O guia faz referência ao Hall de Osório, àquela época existente no Museu, onde havia relíquias pessoais do “herói brasileiro da Guerra do Paraguai” (1943, p. 53).¹³

Conforme Castro (2001; 1999), a identidade turística de um lugar é uma construção histórica e cultural, modelada por narrativas pré-estabelecidas pelos guias turísticos envolvendo um repertório seletivo, onde são apagados alguns elementos não convenientes e iluminados outros. Os guias, assim, antecipam a experiência do viajante e a repetição contínua desse repertório por meio de narrativas e imagens de um lugar, consolidam a sua qualidade turística e a qualificam como um atrativo, como é o caso ao Monumento a Osório. A apropriação dessas narrativas, entretanto, é feita de forma diferenciada pelo turista, que as transforma e recria.

A iniciativa dos militares em promover a visita da Professora argentina ao Monumento a Caxias, tinha, portanto, o sentido também de investir na dimensão turística do ritual, construindo um novo atrativo, na expectativa de ser apresentado nos jornais que cobriam o evento (quicá nos futuros guias turísticos), cristalizando no imaginário do turista, doméstico ou internacional, a relevância do herói para a nação brasileira. Esse e outros inúmeros investimentos que cercam o culto a Caxias, incluindo a construção do Palácio e do Panteão em sua homenagem, na Avenida Presidente Vargas, próximo à Central do Brasil, em 1949, entretanto, não o fizeram figurar nos guias turísticos editados na época, diferentemente de Osório, herói militar que

¹³ Em consulta à Aline Montenegro, pesquisadora do Museu Histórico Nacional, fomos informados de que a sala Osório foi desativada na década de 1960 e que na década de 1930, foi criada uma sala Caxias, hoje também desativada. O Museu Histórico Nacional, aquele que seria o principal lugar de memória da nação, reproduziu as querelas militares em torno da construção do seu principal herói militar, que se refletem também na visita da Prof. Juana Ester no monumento a Caxias.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
15 a 18 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

continua até hoje a ser lembrado nas narrativas e imagens dos guias turísticos sobre o Rio de Janeiro.

Considerações finais

A Professora Juana Ester, em sua – a princípio – denominada “viagem de estudos ao Brasil para conhecer o sistema educacional do país”, protagonizou duas importantes cerimônias cívicas que envolveram as mais altas autoridades nacionais e em que estiveram representadas também as autoridades argentinas, além de fortes instituições que respaldavam o governo, como a Igreja, as forças armadas e a imprensa, e as crianças estudantes das redes públicas dos dois países. Sua viagem adquiriu tamanha importância que passou a ser tratada pelos jornais como “missão oficial”.

Essas duas cerimônias performáticas das quais participara a professora argentina inscreviam-se num contexto de tensão e instabilidade política continental e fizeram parte de um conjunto de investimentos mútuos de aproximação e cooperação, principalmente pela via da cultura e, vale reforçar, do turismo. Os rituais, acessando toda a carga emotiva e pedagógica, fizeram ecoar no Brasil e no país vizinho valores como o culto à pátria, o respeito às instituições e aos símbolos nacionais, a fé na educação pública, a amizade e a cordialidade com os argentinos e com os povos das Américas, a solidariedade continental e o pan-americanismo, temas fortemente debatidos no período.

Os intercâmbios culturais tornaram-se um dos maiores veículos de promoção dessa ideologia, fortemente difundida com o acirramento da II Guerra Mundial na Europa e a sensação crescente de ameaça ao continente americano. Nesse sentido, popularizar o turismo cultural entre o Brasil e o país vizinho e entre as nações do continente representava uma forma estratégica de exercício da diplomacia cultural entre os países e da promoção da paz, recomendação fortemente enfatizada pelos congressos continentais, particularmente pela Divisão de Turismo da União Pan-americana.

O presente trabalho se propôs a pensar o passado do turismo por um ângulo diferente. Partiu da experimentação da análise de dois rituais de cordialidade entre o Brasil e a Argentina no início da década de 1940, a princípio pouco suspeitos para o turismo. Da análise minuciosa dos rituais protagonizados pela professora Ester Guterrez depreende-se que a sua viagem – turística ou não (porque em “missão oficial”) – representou uma grande oportunidade para a divulgação turística do Brasil na Argentina e vice-versa, trazendo resultados objetivos, como novos intercâmbios

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
15 a 18 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

estudantis, incentivados pelas escolas, pelos governos e pelos institutos culturais participantes.

Em 1941, o presidente do Conselho Nacional de Educação argentino, Pedro Ledesma apoiou uma viagem de intercâmbio de crianças argentinas, acompanhadas de seus professores ao Brasil (SANTOS, 2008). O mesmo Ledesma, recordemos, havia participado das homenagens a Juana Ester na escola República da Argentina, no ano anterior, enviando presentes a Gustavo Capanema, a principal autoridade da educação brasileira.

Sem dúvida, os investimentos realizados na viagem da Prof. Ester abriram as portas para novos intercâmbios de professores e estudantes argentinos no Brasil, impulsionando também o turismo. Os intercâmbios ganhavam cada vez mais força e abrangiam diversas áreas acadêmicas, artísticas e esportivas.

A visita da Prof. Juana Ester simbolizou ainda uma grande oportunidade para que os dois países envolvidos garantissem os interesses de suas instituições do poder, inclusive na construção e fortalecimento de seus mitos e na formulação de novos discursos turísticos.

Até mesmo o Exército Brasileiro soube tirar proveito da situação. Nos esforços conjuntos com o governo central em consolidar o culto a Caxias, a Arma fez-se representar na cerimônia escolar e ainda criou para si uma ocasião própria para divulgar no Brasil e no exterior o novo e mais importante herói do seu panteão, cujo monumento nem sequer figurava nos guias turísticos da época.

E a Professora Ester obviamente, capitalizou para si o sucesso da viagem e o status conferido no retorno à sua terra natal.

Referências

ARQUIVO HISTÓRICO DO ITAMARATY - correspondência da Chancelaria;

BRASIL, PAÍS DE TURISMO (edições de 1936 e 1938). Rio de Janeiro.

CASTRO, C. (2002). *A invenção do Exército Brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar.

CASTRO, C. (2001) A Natureza Turística do Rio de Janeiro. In: BANDUCCI JÚNIOR, Álvaro e BARRETTO, Margarita (orgs.). *Turismo e identidade local*. Campinas: Papirus.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
15 a 18 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

CASTRO, C. (1999). Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro. In: VELHO, Gilberto (org.). *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, pp. 80-87.

COLUMBUS MEMORIAL LIBRARY/OAS – Panamerican Union – Travel Division – 1933-1950. (Biblioteca virtual da OEA)

CORREIO DA MANHÃ (julho de 1940). Rio de Janeiro.

FIRTH, R. (1973). Symbols and flags. In: *Symbols public and private*. London: George Allen & Unwin, pp. 328-367.

GEERTZ, C. J. (1978). A Interpretação da Cultura. In: Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. Rio de Janeiro: Zahar Editoriais, pp.13-41.

GUIA DAS ESCOLAS TOMBADAS DA PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO (2008). Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal.

JORNAL DO BRASIL (Junho e julho de 1940). Rio de Janeiro.

JORNAL DO COMMERCIO. Julho de 1940.

LA NACION. (Julho de 1940). Buenos Aires.

LEAL, M. de J. D. R. *Os jornais do Rio de Janeiro nas décadas de 40 e 50*. Disponível em:

http://www2.metodista.br/unesco/1_Regiocom%202009/arquivos/trabalhos/REGIOCOM%2019%20-%20Os%20jornais%20do%20Rio%20de%20Janeiro%20nas%20decadas%20de%2040%20e%2050%20-%20Maria%20de%20Jesus%20Daiane%20Rufino%20Leal_tmp4ac3aaba.pdf. Acesso em 13 de março de 2013.

LUKES, S. Political Ritual and Social Integration. In: *Sociology*. Disponível em <http://soc.sagepub.com/cgi/content/abstract/9/2/289>. Acesso em 21 de fevereiro de 2008.

PEDRO CAVALCANTI. In: *DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO BRASILEIRO PÓS-1930*. (2010). Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/acervo/dhbb>. Acesso em 31 de março de 2013.

PEIRANO, M. (2003). *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Zahar.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
15 a 18 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

SANTOS, R. P. dos (2008). *Um olhar sobre o país vizinho: representações do Brasil e da Argentina no contexto das relações diplomática (1930-1954)*. Tese de Doutorado em História apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF.

SUPPO, H. R. e LESSA, M. L. (2007). O estudo da dimensão cultural nas Relações Internacionais: contribuições teóricas e metodológicas. In: LESSA, Mônica Leite e GONÇALVES, Williams da Silva (orgs.). *História das Relações Internacionais: teorias e processos*. Rio de Janeiro: EDUERJ, pp.223-250.

THE NEW WORLD GUIDES TO THE LATIN AMERICAN REPUBLICS (1945). New York: Duell, Sloan and Pearce. Volume Three – East Coast Countries.